

LIVROS COMO ESCOLA DE VIDA

LIBROS COMO ESCUELA DE VIDA

Mônica Karina Santos Reis

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
monicabiblioufrn@gmail.com

Maria da Conceição Xavier de Almeida

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
calmeida17@hotmail.com

Resumo

O presente artigo é um recorte da dissertação intitulada “Uma Ode ao Livro: a educação, o bibliotecário, uma formação para a vida”, pesquisa que teve como objetivo defender a perenidade do livro diante da existência de outros suportes informacionais. Destaca o livro como um passaporte, que é utilizado como ponto de partida para replicação e multiplicação de sonhos, anseios, conflitos e emoções. Como efeito de demonstração, ressalta a importância do livro na vida de dois intelectuais de importância seminal para as ciências e para a vida. Ao utilizar o método como estratégia, elege como operador cognitivo o livro como ferramenta do aprendizado da ciência e da cultura, na concepção de literatura e romance preconizada por Edgar Morin; de natureza bibliográfica, recorre a filósofos da ciência e da cultura, como Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Ilya Prigogine, Umberto Eco, entre outros, para a construção do referencial teórico. O artigo se situa na interface entre literatura, complexidade e educação.

Palavras-chave: Literatura. Complexidade. Educação.

Resumen

Este artículo es un recorte de la tesis titulada: "Una oda al libro de educación, el bibliotecario, una formación para la

vida”, una investigación que tiene como objetivo defender a la continuidad del libro sobre la existencia de otras formas de apoyo informativo. Su propósito es destacar al libro como un pasaporte utilizado como punto de partida para la replicación y multiplicación de sueños, ansiedades, conflictos y emociones. Como resultado se destaca la importancia de los libros en la vida de dos intelectuales de fundamental importancia para la ciencia y para la vida. Al utilizar el método y la estrategia, elige como operador cognitivo el libro como herramienta de aprendizaje de la ciencia y la cultura, en el diseño de la literatura y el romance recomendado por Edgar Morin; De naturaleza bibliográfica, utiliza la filosofía de la ciencia y la cultura, como Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Ilya Prigogine, Umberto Eco, entre otros, para la construcción de una referencia teórica. El artículo se encuentra en la interfaz entre la literatura, la complejidad y la educación.

Palabras clave: Literatura. Complejidad. Educación.

1. Introdução

Ilya Prigogine afirma em seu livro *Do ser ao devir: nomes de deuses: entrevistas a Edmond Blattchen*: “Há uma história cosmológica, no interior da qual há uma história da matéria, no interior da qual há uma história da vida, na qual há finalmente nossa própria história” (PRIGOGINE, 2002).

Desdubro as palavras de Ilya Prigogine e sugiro que há uma história do homem, no interior da qual há uma história do registro do conhecimento, no interior da qual há uma história dos suportes, na qual há, finalmente, a história do livro, atribuindo a este a missão de registrar grande parte do conhecimento produzido, tornar-se o principal meio de comunicação e propagação da cultura científica e literária e fazer perpetuar a memória humana.

A evolução dos suportes informacionais no Ocidente, do papiro ao livro, na história do processo de registro de informações exercitado pelo homem, e as mudanças ocorridas nesse cenário ao longo dos séculos, ao mesmo tempo em que registram a evolução do conhecimento humano, tecem também a sua própria história.

Como fonte de memória e transmissão de informação e conhecimento, esse suporte da escrita popularizou-se e adquiriu grande representatividade como elemento de preservação da memória e difusão da cultura. Para a nossa sociedade, o conhecimento eternizado nos livros pode ser considerado como indicador histórico da evolução social, das mudanças e permanências, construções e reconstruções sociais, culturais, documentárias e literárias.

La característica esencial del hombre há sido y es la creación de instrumentos o herramientas que le han permitido y le permiten ampliar sus facultades naturales hasta convertido en la criatura más poderosa o, como se le ha venido llamado, em el rey de la creación; y el más fecundo invento del hombre, la herramienta más maravillosa por él creada, há sido el libro, entendido no em su sentido físico, sino como conjunto ordenado de mensajes, es decir, visto como contenido, no como continente o soporte (ESCOLAR, 1988, p. 17).

As características descritas por Escolar, ao considerar o livro como a invenção mais maravilhosa já criada pelo homem, se coadunam com os argumentos do bibliófilo Umberto Eco ao enfatizar que “o livro é uma invenção como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. [...] e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 16-17).

Embora sua essência tenha sido preservada, o livro apresenta, em sua evolução, um processo marcado por uma série de metamorfoses. Em síntese, originariamente confeccionado em rolos de pergaminho, mais tarde adquiriu o formato dos códices, e destes para os impressos em papel, chegando agora a um novo formato, o eletrônico. Segundo Serres (2013, p. 25), “Pouco a pouco, o saber se objetivou: primeiro em rolos, pergaminhos, suportes de escrita. Depois, em livros de papel, suportes de imprensa. E hoje, concluindo, na internet, suporte de mensagens e de informação”.

O cenário atual, planetarizado pela hiperinformação, propiciado pelo amplo acesso aos recursos informacionais possibilitados pelas tecnologias de informação e comunicação culmina por denominar o Cronos atual de Sociedade do Conhecimento. Nessa perspectiva, muito se discute o uso exagerado das novas tecnologias pelos jovens e preocupa-nos a pouca atenção que eles dão aos livros e ao hábito da leitura. O resultado é a constatação de uma juventude mal informada, pouco politizada, sem senso crítico e distante dos problemas sociais.

Os indivíduos, diante dos inúmeros estímulos disponibilizados pela tecnologia midiática, perdem-se num emaranhado de informações, imagens e sons, acabam por dispersar sua concentração e raciocínio, fazendo com que, muitas vezes, não consigam articular as informações e produzir conhecimento pertinente.

O universo dos textos eletrônicos significa um distanciamento em relação às representações mentais, operações intelectuais e expressão de emoções exclusivas do cérebro

humano. Tais operações podem ser exemplificadas pela influência da literatura na formação dos indivíduos e exercitadas na leitura de um belo romance.

O presente artigo é um recorte da dissertação intitulada “Uma Ode ao Livro: a educação, o bibliotecário, uma formação para a vida”, pesquisa que teve como objetivo defender a perenidade do livro diante da existência de outros suportes informacionais. Neste recorte o propósito é destacar o livro como um passaporte utilizado como ponto de partida para replicação e multiplicação de sonhos, anseios, conflitos e emoções.

Com base nesses argumentos, este artigo retrata a importância do suporte livro na vida de dois intelectuais de importância seminal para as ciências e para a vida. Para tanto o presente artigo sugere o uso do livro como ferramenta para o aprendizado da ciência e da cultura, como uma escola para a vida, conforme alusão feita por Edgar Morin ao gênero romance, em algumas de suas obras sobre educação. Tomo como exemplo a influência da literatura na formação intelectual do onívoro cultural Edgar Morin e do poeta da termodinâmica Ilya Prigogine.

De natureza bibliográfica, recorro a interlocutores da ciência e da cultura para corroborar argumentos aqui expostos, tais como Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Ilya Prigogine, Umberto Eco, entre outros.

2. Livros como escola de vida

O conhecimento produzido e eternizado nos livros pode ser considerado uma parte representativa de uma época, uma sociedade, sua cultura, que deixa vazar, nas suas linhas e entrelinhas, a forma de se fazer ciência; as principais teorias relevantes de serem discutidas; o gênero literário, musical e artístico predominante na época; os indícios do declínio de teorias e paradigmas, assim como a emergência de novas teorias e novos paradigmas.

Os livros nos acompanham por toda a vida. Quando crianças, ganhamos de presente dos nossos pais. Ao iniciar as atividades na escola, é no formato de livros que conhecemos o saber. Quando é chegado o momento de aprender a nossa língua vernácula, de conhecer as operações e equações matemáticas, conhecer nosso lugar de pertencimento, o restante do mundo e conhecer a história dos nossos antepassados, é sempre o livro o passaporte que utilizamos para deixar o estágio de ignorância e adentrar o mundo do conhecimento.

Quando nos tornamos adultos e ingressamos nas universidades ou buscamos aprender uma profissão, mais uma vez eles estão lá do nosso lado e ao nosso redor. Quando queremos

presentear um amigo, o livro também é uma de nossas opções. Quando nos tornamos pais, somos responsáveis por iniciar nossos filhos na cultura dos letrados; então, podemos fazer referência a uma célebre frase proferida por Bill Gates: ‘é claro que meus filhos terão computadores, mas antes terão livros’.

Atualmente, mesmo envoltos em tantos estímulos e recursos midiáticos, na homogeneização do pensamento, na proliferação das culturas de massa, vivendo na sociedade do simulacro, da substituição e do descartável, resultantes da dialética produção e consumo, ainda há uma frente de resistência que produz, comercializa e consome livros em todo o mundo.

Como explicar, no mundo da informática e da imagem, a resistência dos leitores que insistem em exhibir seu amor pelo livro, esse objeto de papel, retangular, que promove prazer físico, emocional e intelectual? Talvez pelo fato de o livro, caindo n’alma, impregná-la da magia da imaginação, da vontade de se saciar de seu alimento, da busca de um diálogo em silêncio profundo e, por fim, mas não como um finalmente, pela insaciável necessidade da troca e de fazer germinar o mesmo sentimento em outros (PALÁCIOS, 2003, p. 173).

O livro nos toca a alma, nos faz dialogar com nosso mundo noológico e exercitar uma de nossas necessidades mais viscerais, que é a de nos comunicar com o outro. Isso pode, entre outros aspectos, nos levar a pensar que não foi de forma despreziosa que o homem sempre buscou transmitir, no formato de livro e ao maior número de pessoas, algumas de suas verdades mais profundas, por exemplo, a *Bíblia Sagrada* para os cristãos, *O Alcorão* para os muçulmanos, *Mein Kampf* de Adolf Hitler para os alemães, entre outros.

Nessa direção, podemos perceber que, para a leitura do mundo, o livro desempenha importante função. Talvez seja ele a mais nobre mídia para a leitura. A excelência do livro decorre provavelmente do seu poder de registro e resgate do conhecimento, que, aliado a novos saberes, pode ser capaz de impulsionar o desenvolvimento não apenas de indivíduos, mas de todo um grupo social. Parte daí o sagrado do livro e a importância por ele exercida (MACEDO, 2014, p. 34).

Seja de forma sagrada, seja de forma laica, aprendemos a conhecer o mundo por meio dos livros. Neles, pautamos não só a formação religiosa, cultural e científica, mas, de uma forma geral, nossa formação humana. As narrativas encontradas nos livros são compostas de elementos que nos permitem entender o mundo, compreender fenômenos e aprender valores humanos.

Uma educação complexa, com ensinamentos sobre a condição humana é uma das proposições defendidas por Edgar Morin. Para ele, aprendemos a viver pelas nossas experiências, pelo convívio com nossos entes mais próximos e pela leitura dos livros e, mais especificamente, do romance. “Viver se aprende por suas próprias experiências, com a ajuda do outro, principalmente dos pais e professores, mas também dos livros, da poesia” (MORIN, 2013a, p. 192).

A literatura comporta o que é da ordem do real e do imaginário. Nós humanos vivemos todo o tempo nessa tensão e dualidade. Na vida e nas ideias, ninguém consegue ser permanentemente racional, tampouco podemos nos ater ao mundo onírico. Muitas vezes sonhamos acordados e, tantas outras, enxertamos doses de realidade no nosso mundo imaginário. Essa proximidade entre o concreto e o abstrato presente na literatura é o que faz Morin afirmar que:

A literatura prepara-nos para a vida. Ela canaliza o movimento entre o real e o imaginário. Aleita nossos tropismos afetivos. No final da infância, ela nos dota de uma alma... Ela propõe moldes sobre os quais se vestirão nossas tendências individuais, e este vestir, sejam roupas sob medida sejam de confecção, dará forma à nossa personalidade. Ela nos oferece antenas para entrar no mundo. Não quero dizer que ela nos adapta a este mundo: ao contrário, seus fermentos de rejeição e de inadaptação, seu caráter profundamente adolescente contradizem este mundo. Mas contradizem-no dando-nos acesso a ele (MORIN, 1997, p. 20).

Na vida real não podemos viver no lugar do outro. Não podemos transmitir conhecimentos, experiências. Mas a literatura e o romance nos dão senhas que nos permitem compartilhar a vida do outro, imaginar suas dores, seus amores, seus sonhos, suas derrotas. Esse exercício de se colocar no lugar do outro, tão raro no cotidiano da vida real, ajuda na formação do nosso caráter e na formação de uma consciência menos individualista e mais coletiva. O ato de compreender o outro nos leva à autocompreensão.

O livro, ao longo dos tempos, ultrapassou os limites da compreensão de conteúdos disciplinares, esgarçando-a para uma compreensão ainda maior, que é da condição humana. Podemos perceber que, ao mesmo tempo em que é importante compreender os conteúdos escolares que nos servem de insumo para crescimento intelectual, precisamos adquirir conhecimentos que retratem de problemas globais, reais e marginalizados para que possamos

contribuir para a compreensão da consciência da complexidade das relações humanas e sociais.

Por meio da literatura e do romance, podemos exercitar sentimentos e reações opostas e complementares àquelas que, de forma racional e no cotidiano comum, sequer poderíamos cogitar. Isso porque a compreensão entre indivíduos e entre sociedades pressupõe o exercício de atitudes necessárias ao desenvolvimento humano, que são a democracia, a tolerância e o acolhimento à diversidade.

Nada pode ser mais passional do que um romance e nos encantar mais que uma bela poesia. Nada pode representar melhor a problemática humana do que as grandes obras literárias. O verdadeiro papel da educação é proporcionar um despertar para a ciência, mas, também, para a filosofia, literatura, música e para as artes. É isso que completa a nossa vida. Para Morin,

O romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seu envolvimento, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade [...] (MORIN, 2011, p. 43-44).

O mundo da razão não pode, de forma alguma, estar dissociado do mundo da paixão. São duas características presentes na natureza humana, indissociáveis, e que podem ser percebidas de forma plena nas estrofes dos poemas ou nas páginas de um romance. O homem que raciocina, que produz conhecimento científico é, ao mesmo tempo, aquele que ama, odeia, deseja, repudia. “É no romance, no teatro, no filme, que percebemos que Homo sapiens é, ao mesmo tempo, indissolúvelmente, Homo demens” (MORIN, 2011, p. 49).

Morin conta que, em seu tempo de estudante, quando as aulas estavam muito enfadonhas, ele abria escondido um romance, baixava a cabeça e fingia estar prestando atenção na aula quando, na verdade, estava lendo um romance. O caráter enfadonho das aulas a que Morin se refere diz respeito à pedagogia tradicional embasada na repetição e na aquisição gradativa de novos conhecimentos.

Por sua vez, a leitura de um romance o elevava da condição de subordinado à condição de protagonista do processo de aprendizagem, proporcionando autonomia, sem obedecer necessariamente a uma linearidade, alargando o repertório de conteúdos e estabelecendo

relação direta com os problemas globais que afetam a humanidade. Por isso, para ele, uma obra literária ensina muito mais sobre o mundo. “É o romance que expande o domínio do dizível à infinita complexidade de nossa vida subjetiva, que utiliza a extrema precisão da palavra, a extrema sutileza da análise, para traduzir a vida da alma e do sentimento” (MORIN, 2011, p. 49).

Toda grande obra de literatura apresenta uma dimensão histórica, psicológica, social, poética e filosófica, e cada uma dessas dimensões traz esclarecimentos e informações importantes para se pensar a ciência, a vida e o nosso cotidiano e, por muitas vezes, até mesmo sobre ciência, aprende-se muito mais em um livro de literatura do que no próprio livro científico.

Nise da Silveira, no documentário que registra uma grande entrevista feita por Edgard de Assis Carvalho e Edson Passetti no projeto que se chamava Entrevista com pessoas notáveis, fala de literatura. No vídeo, Nise afirma a importância, para a formação da psique humana, da leitura permanente de Machado de Assis. Diz ela que, muitas vezes, o estudante da Psicanálise na sua formação aprende muito mais lendo várias vezes Machado de Assis do que lendo o maciço compêndio de psiquiatria (ENCONTRO..., 1992).

No âmago da leitura, a magia do livro nos faz compreender o que não compreendemos na vida comum. Na vida real, percebemos os outros apenas em sua aparência exterior, somos quase indiferentes às misérias físicas e morais. Ao passo que, nas páginas do livro, eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas, e nós exercitamos a comiseração, a piedade e a bondade. Enfim, podemos aprender as maiores lições da vida (MORIN, 2011).

Infelizmente, o modelo de educação praticado na atualidade opera pela lógica fragmentada da disjunção. Separa razão de emoção, ciência de humanismo, filosofia, arte e literatura. Os conteúdos disciplinares obedecem a um programa preestabelecido e incomunicante entre as distintas áreas do saber.

Nesse programa, o ensino da literatura se atém ao reconhecimento histórico e, muitas vezes, enfadonho de conteúdos maçantes e pouco atrativos. Não se recorre à literatura nos patamares complexos, como forma de retratar não só a arte e a cultura de uma determinada época, mas antes que dê conta da compreensão dos problemas da condição humana e nos faça refletir sobre eles.

Ao fragmentar o romance a apenas uma de suas possibilidades, perde-se a amplitude de refletir sobre as múltiplas dimensões da experiência humana. Dessa forma, incorremos no

erro comumente praticado de tentar refletir de forma racional e objetiva sobre o caráter passional e subjetivo da vida. Por isso, Morin afirma que sente

[...] cada vez mais que somente um grande romance consegue exprimir as múltiplas dimensões da experiência humana, as vidas subjetivas interiores, os comportamentos numa sociedade, numa história, num mundo, enquanto expõe, seja pela boca dos personagens, seja sob a pena do autor, ou até mesmo implicitamente, os problemas da existência humana (MORIN, 1997, p. 22).

Não se explora, por exemplo, a riqueza do conteúdo de um romance para tratar de temas que são considerados como tabus para a nossa sociedade e que são tão bem retratados na liberdade de expressão e riqueza de detalhes que só em um romance nos é permitido. “Com a marginalização da filosofia e da literatura, falta cada vez mais à educação a possibilidade de enfrentar os problemas fundamentais e globais do indivíduo, do cidadão, do ser humano” (MORIN, 2013a, p. 192).

Precisamos tecer o fio de Ariadne e utilizá-lo nos labirintos reais da condição humana que nos permita, não sair do labirinto, mas transformá-lo em via comunicante com a concepção de mundo atual; religar aquilo que o pensamento da disjunção fragmentou; articular saberes não para acumulá-los, mas para organizá-los em torno de noções e ideias que nos possibilitem a produção do conhecimento pertinente; reintroduzir o sujeito no conhecimento que ele produz e reintroduzir o ensino da literatura na formação educacional, considerando-a como uma das disciplinas mais adequadas para servir de tema transdisciplinar.

É preciso gestar uma ciência que articule cultura científica e cultura humanística, o diálogo entre arte, ciência e espiritualidade, o intercâmbio entre áreas do conhecimento e disciplinas, a consciência da parcialidade das explicações científicas, a reorganização dos saberes, a aposta na educação como facilitador da reforma do pensamento e repensar a ética da ciência e o papel do intelectual na sociedade atual (ALMEIDA; CARVALHO, 2013).

O sistema atual de ensino necessita renovar suas estruturas e métodos. A prática educacional deve partir da concepção de não mais capacitar o indivíduo para o exercício de uma profissão, mas, antes, prepará-lo para a vida. Os saberes compartilhados devem estar em constante sintonia com o cenário globalizado no qual estamos inseridos. Essa “mundialização”, conforme termo utilizado por Morin, pressupõe do indivíduo competências

para conviver com guerras, catástrofes, capitalismo exacerbado e desigualdades de toda espécie.

Para dar conta de temas tão complicados e complexos, faz-se necessária a utilização de múltiplas fontes de conhecimento. Nesse caso, a literatura, o cinema e a arte, por meio de suas narrativas, livre e despregada das amarras da racionalidade, pode proporcionar, à formação de crianças, jovens e adultos, uma nova forma de perceber os problemas do mundo e acompanhar esse ambiente em constante mutação.

Vivemos numa sociedade que cultua a substituição. Aprendemos a descartar e a substituir quase tudo e em pouco tempo. Substituímos o mito pela racionalidade, a oralidade pela escrita, e esta, pela informática. Nesse processo de substituição, temos ganhos e perdas. Resta saber o que ganhamos em conhecimento duradouro com a dispensa e a desclassificação de objetos culturais, como é o caso do livro, uma conquista da humanidade que eterniza o pensamento tatuado em palavras.

Yves Bennefoy (2003) afirma que a poesia é o fermento necessário a qualquer pesquisa e que a produção científica pode ser traduzida como poesia transposta. Para corroborar esse argumento, exporemos fragmentos da vida e obra de dois filósofos da ciência que têm, em sua carreira e história de vida, a presença marcante da filosofia, da literatura e das artes.

2.1. Edgar Morin: o contrabandista de saberes

Começo por Edgar Morin, que, nascido a 8 de julho de 1921, filho do Sr. Vidal Nahoum e de Luna Beressi, tem dificuldade de se definir por uma área específica do conhecimento. Licenciado em História, Geografia e Direito, ele é mais propriamente, como por vezes anuncia, um "contrabandista de saberes", um "artesão sem patente registrada", porque transita livremente por entre as arbitrárias divisões, entre as ciências da vida, do mundo físico e do homem. Essa ausência de origem unitária o acompanha até hoje e se constitui numa experiência que facilita sua atitude transdisciplinar.

Morin é movido por vários "demônios", como confessa no livro *Meus Demônios* (1997), no qual expõe as circunstâncias sociais, familiares e políticas que delinearam seu caminho intelectual. Nesse livro, Morin afirma não ter herdado nenhum pertencimento por parte de sua família, a não ser o amor pela música, pela canção popular, por parte do pai, e

pelo bel-canto, por parte de mãe, fato esse que fez com que ele fosse construindo sua personalidade com base em suas vivências.

O artesão do pensamento complexo se autodenomina um onívoro cultural. Entusiasta e entusiasmado pela literatura, pela música e pelo cinema, ainda na adolescência, ao mesmo tempo em que exercita seu gosto pela literatura, adquiria o hábito de ir a concertos musicais e aos cinemas existentes perto de sua casa. É na literatura, afirma ele, que se transporta para uma vida imaginária, onde encontrará as verdades da vida concreta (MORIN, 1997).

Essa relação se expressa de forma sublime no livro *Meus filósofos* (2013b). Nessa obra, Morin afirma que seus filósofos não se reduzem aos “filósofos” oficiais. Entre eles, encontram-se romancistas, matemáticos, fundadores da espiritualidade. Diz Morin que, sem eles, não seria ninguém. Foram “eles que nutriram minha vida ao nutrirem meu pensamento, e meu pensamento, formado a partir deles, nutriu minha vida” (MORIN, 2013b, p. 17).

Na lista de pensadores enumerados por Morin, não constam apenas nomes consagrados da ciência ou da filosofia ou de uma área específica do conhecimento. Da filosofia à ciência, do romance literário à música erudita, à arte popular e contemporânea, ele elenca: Heráclito, Buda, Jesus, Montaigne, Descartes, Spinoza, Rousseau, Marx, Dostoiévski, Proust, Freud, Heidegger. Os pensadores da ciência e os cientistas pensadores: Bergson, Bachelard, Piaget, Von Neuman, Von Foerster, Niels Bohr, Karl Popper, Thomas Kuhn, Gerald Holton, Imre Lakatos, Edmund Husserl, Ivan Illich, Beethoven, Immanuel Kant.

O pensamento moriniano é entrelaçado, tanto quanto possível, de dualidades, contradições e relações complexas entre filosofia, ciência, literatura e poesia, que comportam necessariamente a integração simultânea de múltiplas dimensões da realidade humana e incertezas.

2.2. Ilya Prigogine: o poeta da termodinâmica

O segundo exemplo refere-se a Ilya Prigogine, físico-químico russo nascido em Moscou, Rússia, e naturalizado belga, filho de judeus. Nasceu poucos meses antes do início da Revolução Russa e, por causa de problemas com o novo regime político, sua família teve que deixar a Rússia (1921). Por alguns anos, viveu como migrante na Alemanha (1921-1929) e, em seguida, fixou-se em Bruxelas, na Bélgica (1929), onde praticamente desenvolveu toda a sua educação básica e profissional.

Prigogine recebeu o Prêmio Nobel de Química (1977) por sua contribuição ao estudo do desequilíbrio termodinâmico ou teoria das estruturas dissipativas. Além do Nobel, foi agraciado com mais de vinte prêmios científicos e condecorado com muitas medalhas de honra. Membro de mais de uma centena de academias de ciências e sociedades profissionais pelos quatro continentes, é Dr. Honoris Causa e Professor Honorário em mais de 40 universidades pelo mundo, inclusive a Federal do Rio de Janeiro (1981). Nos últimos anos de vida, dirigiu o International Solvay Institutes for Physics and Chemistry, em Bruxelas, cidade onde morreu.

Além do curriculum de sucesso na ciência e na academia, Prigogine era um homem sensível e encantado pelas artes. A esse respeito, Almeida (2004), no artigo *A ciência como bifurcação: uma homenagem a Ilya Prigogine*, texto escrito logo após sua morte e em deferência à brilhante carreira, destaca que “o interesse pela música, literatura, arqueologia, psicologia, direito e história tece a formação humanista de um cientista que centra suas pesquisas na química orgânica e depois na físico-química” (ALMEIDA, 2004, p. 77).

Trata-se de um dos cientistas mais brilhantes do século XX. “Para os físicos, ele era considerado o poeta da termodinâmica, para Edmond Blattchen, a primeira personalidade belga de renome internacional e um dos maiores sábios desde Albert Einstein” (ALMEIDA, 2004, p. 77).

Com o exemplo de vida e obra desses dois intelectuais da ciência, da sociedade e da vida, pretendemos sinalizar a importância de se reconhecer que, talvez, sem a influência da literatura, da música e da arte, suas teorias não expressassem o nível de complexidade que hoje conhecemos.

Atualmente, a formação educacional fragmentada não mais nos permite a união entre as duas culturas, a científica e a das humanidades. Na academia, somos, a todo o tempo, rotulados pelos nossos pares, ou estamos de acordo com o programa, com os protocolos, fixados nas grades da racionalização e assim podemos afirmar que estamos fazendo ciência.

É imperativo sermos insubordinados, usarmos a criatividade, abandonarmos os programas fechados e construirmos nossas estratégias de método. Unir ciência, arte e literatura e incorrer no risco de não sermos reconhecidos como cientistas, nem sermos vistos com bons olhos.

Acreditamos ser preciso apostar na criatividade para a produção de uma ciência nova, uma ciência movida pela complementaridade entre imaginação e razão, que requer um

intelectual capaz de investir na emoção “como ferramenta cognitiva, um argumento e um estilo de vida” (ALMEIDA; KNOBBE, 2003, p. 34).

Essa nova ciência e esse novo intelectual assumem para si a responsabilidade de promover a ligação entre as duas culturas, a reforma do pensamento e da educação, a implicação do sujeito no conhecimento que produz e a missão de promover a perenidade do livro.

3. Vida formada por páginas

O gênero literário, o cinema e a arte são considerados por Edgar Morin como artifícios ou estratégias para se vivenciar a condição humana de forma mais plena. Na leitura de um conto, por exemplo, conseguimos exercitar uma ética da compreensão que nos permite não reduzir o ser humano ao seu crime ou à má conduta exercida em determinado momento de sua vida e se solidarizar com ele. Na leitura dos textos biográficos, como é fácil encantar-se pelos relatos de vida de cientistas físicos, químicos, neurocirurgiões que imaginávamos tão surreais que nem pareciam humanos como nós; pelo contrário, são seres que sofrem, se apaixonam, se decepcionam como qualquer outro.

Os livros proporcionam “experiências de verdade”, quando descobrem uma história desconhecida, nos levam a conhecer personas desconhecidas, lugares inusitados e, principalmente, a experimentar sentimentos desejados, ignorados ou renegados. Quando desvendam uma verdade ignorada, escondida, profunda, que trazemos em nós, nos proporcionam o duplo encantamento da descoberta de nossa verdade na descoberta de uma verdade exterior a nós, que se acopla à nossa verdade, incorpora-se a ela e torna-se a nossa verdade. (MORIN, 1997)

O livro é o passaporte que nos transporta da ignorância para o conhecimento de uma verdade. O conhecimento eternizado nos livros serve de informações para os leitores. Estes, ao se apropriarem do que leem, realizam comparações ou confrontações com seu conhecimento prévio e constroem, assim, o conhecimento pertinente.

Estes argumentos nos remetem à concepção de livro defendida por Umberto Eco e Jean Claude Carrière em *Não contem com fim do livro* (2010). Para os autores, o livro, e entenda-se por livro o impresso, pode ser considerado como uma invenção insuperável na ordem do imaginário humano. Ao advogar a defesa da perenidade do livro como uma das

principais fontes do conhecer, os autores ressaltam a inter-relação entre este suporte e o indivíduo, a sociedade e a cultura.

O livro é o suporte escolhido pelo homem para registrar, guardar e perpetuar o patrimônio histórico de nossas experiências. Ele é a nossa memória materializada fora do nosso cérebro. Podemos dizer mesmo que o desaparecimento do livro seria também o da nossa própria memória.

Pensar no desaparecimento do livro é apagar da história da humanidade um ícone de conhecimento e progresso tão presente na nossa cultura. É pensar, por consequência, no desaparecimento das bibliotecas, esses espaços de reflexão e de sabedorias acumuladas. O livro, na forma como o conhecemos hoje, não irá desaparecer porque, mesmo na atualidade, com o processo de mundialização da cultura, das comunicações e imerso em uma dependência gradual dos recursos tecnológicos, ele ainda resiste e persiste como principal fonte de conhecimento.

Os relatos de vida de obra desses dois intelectuais servem de operador cognitivo para compreender a importância do livro no processo de formação escolar, educacional e científica e para, além disso, uma formação que nos ensine sobre a nossa condição humana e planetária. Fazendo uma analogia, poderíamos afirmar que nossa formação humana vai sendo construída ao longo de nossa vida como páginas de um livro.

Com base nesses argumentos, defendemos a pertinência do livro no processo de formação educacional dos indivíduos, para que esta não seja especificamente técnica nem mecânica, mas, acariciável, como o folhear das páginas de um bom livro, e na construção de uma identidade planetária que dê conta de pensar, repensar e contribuir para a resolução de problemas globais, tornando o nosso mundo um pouco melhor.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses**: uma experiência de reforma universitária. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **A ciência como bifurcação**: uma homenagem a Ilya Prigogine. Revista Famecos, n. 23, 2004, p. 77-84.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. 6. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

BENNEFOY, Yves. Poesia também se ensina na escola. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria; ALMEIDA,

Angela Maria. **Polifônicas ideias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 135-139.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ENCONTRO com pessoas notáveis n.1: Nise da Silveira. Produção de Edson Passeti. São Paulo: Fundação Cultural São Paulo; PUC-Cogea. 1 fita de vídeo (45 min). 1992.

ESCOLAR, Hipólito. **Historia del libro**. 2. ed. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1988. (Biblioteca del libro).

MACEDO, Helton Rubiano de. **Das estantes para a tela**: práticas de universitários leitores de livros impressos e digitais. Natal: EDUFRN, 2014.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013a.

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013b.

PALÁCIOS, Fernando Antônio Colares. Semeador de Livros. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria; ALMEIDA, Angela Maria. **Polifônicas ideias**: por uma ciência aberta. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 173-174.

PRIGOGINE, Ilya. **Do ser ao devir**: nomes de deuses: entrevistas a Edmond Blattchen. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

SERRES, Michel. Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Sobre as autoras

Mônica Karina Santos Reis. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade. monicabiblioufrn@gmail.com

Maria da Conceição Xavier de Almeida. Professora Titular. Professor Colaborador Voluntário do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Grupo de Estudos da Complexidade. Calmeida17@hotmail.com